

## LIVRO DA CAPA VERDE

Matilde Rosa Araújo

- ▶ **Cartilha Maternal**, de João de Deus
- ▶ **Romance da Raposa**, de Aquilino Ribeiro

**T**ão nebulosa a ideia que tenho da minha infância... Por vezes, penso que a viveu outro alguém que não eu.

Tudo é vago, sem limites, na suspensão carente de entender e amar.

Rui, Amigo, pergunta-me pelos livros da minha infância.

Estranhos os “meus livros”. A memória mais definida que tenho é dos jornais. Jornais para adultos mas que me entregavam a magia das letras negras, o cheiro do papel impresso.

Muito menina, eu não sabia ler. Mas a memória daquela dádiva gráfica, todos os dias, traz-me uma certa “leitura”.

Não sei como, não por ser de qualquer modo “menina prodígio”, disse-me minha mãe que, quando tinha cinco anos, lia com facilidade.

Talvez esse fosse o meu brincar solitário.

Um dia, minha Mãe foi à Baixa (era o passeio consentido e desejado das senhoras de Lisboa) e entrou numa retrosaria.

Eu era de pequena estatura, frágil, mesmo criança. Pouco saía da quinta onde vivia. Entrei numa retrosaria, talvez na Rua dos Fanqueiros, mas não importa.

Que deslumbramento! Tanta, tanta caixa, tanta caixinha nas prateleiras. Com letras!

Como acontece com as crianças que acompanham os adultos nas suas lides das compras, fiquei “só” e livre para olhar.

Mas não me aborreci. E comecei a ler, em voz alta com inconsciente à-vontade, o que diziam as caixas e caixinhas.

Deliciada, longe de tudo (o que me acontece ainda, com 85 anos...).

O retroseiro olhou para aquela criança que papagueava letreiros (naquele tempo, a criança talvez fosse olhada de outra maneira, de certo modo intrusa no mundo normal dos adultos), dizia eu, olhou, escutou e... pára como nas linhas dos comboios:

– A Senhora desculpe, mas é a Senhora que está a ensinar a sua filha a ler nas caixas?

Minha mãe, apesar da sua doçura natural, indignou-se.

– Eu? O senhor mande-a ler as caixas que quiser.

E eu li, mandada, já sem aquele encantamento de ser livre para ler no caso solitário da escolha.

Foi esta a minha primeira aventura literária, pública. Nas caixinhas de retrosaria.  
Depois, mas sempre com os jornais à beira, os livros.  
Comecei a “aprender” a ler pela *Cartilha Maternal*, de João de Deus, já depois dos cinco anos.  
Foi um encanto.  
E outro mistério, para além das letras dos jornais.  
Que magia aquela pergunta: “Ó Pedro, que é do livro da capa verde que te deu o avô a guardar?”.  
O livro da capa verde.  
Um livro que era uma história. “Vai lá buscá-lo.”  
E sempre o busquei.  
E a poesia das páginas finais da cartilha, a melodia das palavras que se encontrava com o voo da avezinha (como as aves nunca esqueceram a minha memória!).  
E agora livros.  
Não tive muitos, mas, daqueles que me couberam, não deixo de relevar o encantamento do *Romance da Raposa*, de Aquilino Ribeiro.  
Aqueles animais irrequietos que falavam e me falavam, aquela vida estuante que habitava uma natureza de ocultas seivas, foram, para mim, as verdadeiras fadas da minha infância.  
A manha, a traquinice, a força da vida, a lição sem querer ensinar, a poesia agreste que do “romance” emana, ajudaram-me tanto a olhar, a sentir, a entender.  
E deram-me o sabor da alegria.  
Talvez pudesse (e podia) lembrar-me de outros.  
Da música de certos poemas que me acompanhou como asa mansa e me fez poisar no encanto ou aridez das palavras.  
Mas, para quê?  
– Ó Pedro, que é do livro da capa verde que te deu o Avô a guardar?  
Talvez eu ande ainda à procura do livro da capa verde da minha infância. ■



**Matilde Rosa Araújo** nasceu em Lisboa em 1921. Licenciou-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras da capital e cedo começou a leccionar, percorrendo várias escolas de norte a sul do país. Colaborou, com frequência, em jornais e revistas, escrevendo artigos de temática diversa, da pedagogia à cidadania, marcados por uma linguagem substantivamente humana. Em 1957 publica o seu primeiro livro para crianças – *O Livro da Tila* – que

nos oferece um olhar pleno de ternura sobre o mundo infantil; nas obras que se seguem encontramos uma grande comunhão com as crianças pobres e desfavorecidas, a quem dá a mão na procura de um mundo mais justo. Com uma sensibilidade extrema, ora recorrendo ao discurso lírico, ora explorando a narrativa, a autora oferece-nos quadros de grande delicadeza, onde a infância é celebrada como Futuro e se constitui espaço de Verdade. Sem qualquer tipo de cedência, os seus livros primam pela qualidade literária; os prémios recebidos, com especial relevo para os da Fundação Calouste Gulbenkian (pelo conjunto da sua obra, em 1980, e pelo livro *As Fadas Verdes*, em 1996), provam o reconhecimento público de uma escritora que marcou a segunda metade do século XX e que ainda mantém uma actividade criativa assinalável.

## Alguns livros “para” crianças e jovens

- ▶ *A Boneca Palmira*, Porto, Edições Eterogêmeas, 2007.
- ▶ *A Escola do Rio Verde*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981 (2ª edição).
- ▶ *A Saquinha da Flor*, Gaia, Gailivro, 2006.
- ▶ *Anjos de Pijama*, Texto Editores, 2005.
- ▶ *As Botas de meu Pai*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981 (2ª edição).
- ▶ *As Cançõezinhas da Tila*, Porto, Civilização, 1997.
- ▶ *As Fadas Verdes*, Porto, Civilização, 1994.
- ▶ *Balada das Vinte Meninas*, Lisboa, Plátano, 1977.
- ▶ *História de um Rapaz*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986 (8ª edição).
- ▶ *Joana-Ana*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981.
- ▶ *Mistérios*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988.
- ▶ *O Cantar da Tila*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986 (8ª edição).
- ▶ *O Capuchinho Cinzento*, Edições Paulinas, 2005.
- ▶ *O Gato Dourado*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985 (2ª edição).
- ▶ *O Livro da Tila*, Coimbra, Atlântida Editora, 1957 (1ª edição), Lisboa, Livros Horizonte, 1986 (10ª edição).
- ▶ *O Palhaço Verde*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995 (5ª edição).
- ▶ *O Reino das Sete Pontas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986 (2ª edição).
- ▶ *O Sol e o Menino dos Pés Frios*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991 (8ª edição).
- ▶ *Os Quatro Irmãos*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983 (2ª edição).
- ▶ *Rosalinda Foi à Feira*, Coimbra, Livraria Arnado, 1993.
- ▶ *Segredos e Brinquedos*, Lisboa, Caminho, 2001.